



EM HOMENAGEM A SÃO JOÃO: OS TEMPOS DAS FESTAS JUNINAS EM RIO BRANCO, ACRE (1920 A 2010)

Daniel da Silva Klein*

Universidade Federal do Acre – UFAC

danielklein10@hotmail.com

RESUMO: O texto que segue propõe uma periodização sobre as práticas envolvendo as festas juninas em Rio Branco, enfocando elementos que marcaram épocas distintas tais como os arraiais de salões voltados para a elite, os de rua com suas atrações populares e aqueles direcionados para exibições de competições entre quadrilhas. Evidencia-se, nesse sentido, as características que foram sendo modificadas no conjunto das festas juninas, analisando-se para tanto notícias de jornal e fontes bibliográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Festas Juninas – Cultura – Sociabilidade.

ABSTRACT: The following text proposes a periodization on practices involving the June festivals in Rio Branco, focusing on elements that characterized different eras such as the camp of the elite halls facing the street with its popular attractions and views of those targeted for competitions gangs. It is evident, in that sense, the features were being modified in all the state fairs, both for analyzing news stories and literature sources.

KEY-WORDS: June Festivals – Culture – Sociability.

Na cidade de Rio Branco, capital do estado do Acre, uma manifestação cultural transformou-se em referência ao longo do século XX, as festas juninas. Existentes em quase todo o território nacional, essas festas no Acre são realizadas basicamente nos meses de junho com alguns elementos tais como barracas de comidas típicas, apresentação de quadrilhas e brincadeiras como pau de sebo, fogueira e apresentações musicais.

A proposta deste texto é procurar avaliar como esse festejo foi se modificando, tendo em vista que trata-se de um conjunto de manifestações consideradas tradicionais e que, portanto, deveriam se enquadrar em um esquema fechado de referências do passado.

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e professor da cadeira de Estudos em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre.

Marcadas pela hibridização, as festas juninas sempre foram modificadas pelos contextos mais diversos, empréstimos artísticos e renovações. Enfatizando esse aspecto híbrido, para citarmos Homi Bhabha,¹ propomos uma leitura das festas que enfoca as mudanças por que passou, dando atenção aos mais variados filtros colocados por seus participantes.

Inspirados em uma leitura que toma de empréstimo as contribuições de Raimond Willians² e Mikahil Bahtin,³ tratamos as festas juninas como parte da cultura, esse arranjo de práticas simbólicas significativas (linguagem, filosofia e etc.) e artísticas, enfocando suas manifestações em diversas formas de expressão ritualística e espetacular.

Essas mudanças foram vivenciadas em tempos distintos, característica dessa adaptação contínua, onde é possível delimitarmos três etapas das festas juninas em Rio Branco. A primeira delas vai de 1920 a 1962, que foi dominada pelo cenário dos salões festivos, principalmente aqueles voltados para a elite da cidade, e os mais populares. Um segundo momento se encontra entre 1970 e 1977, quando as festas juninas tomam conta das ruas, praças e escolas e são marcadas pela forte presença das quadrilhas juninas. De 1980 a 2010, podemos delimitar uma terceira fase, onde as quadrilhas se transformam no centro das festas, que são marcadas por suas apresentações e competições.

Apesar das festas juninas atualmente serem alvo de diversos estudos,⁴ na região Amazônica e especificamente no Acre esse ainda é um domínio novo na abordagem da historiografia social e cultural.⁵ Nesse sentido, o problema das fontes desse estudo é

¹ BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 27.

² WILLIANS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 13

³ BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais**. São Paulo: Hucitec/Brasília: Ed. UNB, 2008.

⁴ CHIANCA, Luciana de Oliveira. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. In: **Revista Sociedade e Cultura**, vol. 10, n. 01, jan/jun 2007. CHIANCA, Luciana de Oliveira. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. In: **Revista Antropológicas**, vol. 18, n. 02, 2007; SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do XIX para o XX. In: **Revista Brasileira de História**, vol. 24, n. 38, 2004; MORIGI, Valdir José. Mídia, identidade cultural nordestina: festa junina como expressão. In: **Revista Intexto**, vol. 01, n. 12, jan/jun 2005.

⁵ BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 20. Usamos suas classificações de domínios e abordagens para localizarmos nosso estudo dentro do campo da história.

similar ao que Carlo Ginzburg encontrou para estudar determinados aspectos da cultura popular na Itália do renascimento, de como achar falas diretas dos atores no contexto estudado. Ele foi buscá-las nos processos inquisitoriais e seus filtros,⁶ nós, majoritariamente, nas notícias de jornal.

Notas esparsas, reportagens pontuais ou fotografias comentadas compõem a maior parte dos dados recolhidos nos jornais locais para montar o quadro deste trabalho. Mas mesmo nos jornais, a abordagem das festas juninas é marginal como acontece com o semanário estatal O Acre. Um caso raro é o trabalho do jornalista cultural Chico Pop, que ao longo de sua carreira explorou as diversas manifestações culturais da cidade entre os anos 70 e 80. Sua coluna “A cidade se diverte” foi durante anos o único espaço onde cantores, escritores e brincantes de quadrilhas juninas divulgavam seus trabalhos em Rio Branco.

Assim procuramos encontrar as festas juninas nos mais diversos semanários e em algumas outras bibliografias, tentando ouvir as vozes dessa manifestação que é parte primordial da cultura popular dessa região fronteira que é o Acre.

OS ARRAIAIS JUNINOS DOS CLUBES SOCIAIS (1920 A 1962)

As homenagens a Santo Antônio sempre fizeram parte das manifestações culturais no Acre. Folguedos e fogueiras eram feitos nas ruas e praças de Rio Branco desde sua formação inicial, mas a partir da década de 1920 as festas juninas ocuparam os salões dos grandes clubes da cidade.

Assim, desde a segunda metade dos anos 20 o clube social Tentamen realizava uma pequena festa em homenagem a São João, mas em 1938 essa comemoração tímida ganhou contornos grandiosos pois foi promovido o primeiro Baile do Chitão, onde as moças se apresentaram com elegantíssimos vestidos de chitão feitos especialmente para a ocasião.⁷ No baile do Chitão as modas de sanfona embalavam antigos chotes e mazurcas, o salão era enfeitado com bandeirinhas e os brincantes associados dançavam até altas horas.⁸

⁶ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 20-22.

⁷ Baile do Chitão. **Jornal O Acre**, Rio Branco, p. 06, 12 de junho de 1938.

⁸ Ibid.

Uma das principais atrações do Baile do Chitão foi de ser palco de lançamento de grandes nomes da música regional acreana como os grupos Turma do Bamba, Jazz-Infernal e do cantor Pedro Lourenço, que se apresentaram em 1943. Seis anos após, o palco do evento recebeu as apresentações do conjunto musical Elifas Santos, do músico Licênio Maia e da banda marcial da Guarda Territorial.⁹ No ano de 1954 o Chitão tinha como tema o resgate dos simples vestuários caipiras de antigamente, ocasião em que a “velha” Tentamen procurou oferecer ao mundo social de Rio Branco um espaço de alegria e conagração.¹⁰ O último Baile do Chitão aconteceu nas comemorações do vigésimo nono aniversário da Tentamen em 23 de junho de 1956. Depois desse ano o baile nunca mais foi realizado.¹¹

O mais longo arraial de clubes da cidade foi o do time de futebol Rio Branco, que começou a fazer o seu em 1934. Nesse ano, na sua sede social, foi realizada uma festa com músicas típicas, que animaram as senhorinhas com seus trajes caipiras¹². Em 1939 a atração do baile foi a apresentação de trajes sertanejos, onde os sócios Eduardo Assmar e José Safa ofereceram um prêmio para a caipira mais engraçada.¹³

Nos anos seguintes a escolha da rainha do arraial se transformou em uma tradição no baile do Rio Branco. Em 1942, por exemplo, houve desfile, júri secreto e apuração com resultado final na última noite das festividades que terminou no dia 30 de junho.¹⁴ O clube fechou essa festa na segunda metade dos anos 60. A última grande festa do clube aconteceu em 1960, quando os sócios conseguiram trazer para uma turnê de um mês todo o grupo amazonense Os Cangaceiros do Sertão, que animaram as noites do arraial da instituição.¹⁵

Os bailes caipiras nos clubes da cidade eram festividades onde a elite tomava parte, porque as pessoas humildes tinham pouco acesso aos salões da Tentamen ou do

⁹ O Baile do Chitão. **Jornal O Acre**, Rio Branco, p. 04, 27 de junho de 1943; A festa do Chitão. **Jornal O Acre**, Rio Branco, p. 06, 26 de junho de 1949.

¹⁰ Festa do Chitão. **Jornal O Acre**, Rio Branco, p. 04, 20 de junho de 1954.

¹¹ Sociedade Recreativa Tentamen. **Jornal O Acre**, Rio Branco, p. 04, 11 de junho de 1956.

¹² Noticiário. **Jornal O Acre**, Rio Branco, p. 04, 01 de julho de 1934.

¹³ O Rio Branco e sua festa dançante. **Jornal O Acre**, Rio Branco, p. 08, 25 de junho de 1939.

¹⁴ Festa dançante para coroação da rainha do arraial. **Jornal O Acre**, Rio Branco, p. 06, 28 de junho de 1942.

¹⁵ Os Cangaceiros do Sertão. **Jornal O Acre**, Rio Branco, p. 02, 02 de junho de 1960.

clube Rio Branco. Era comum nessas festas a presença de autoridades políticas, funcionários públicos graduados e magistrados.

Entre as décadas que vão de 1920 a 1960, quando predominaram na paisagem cultural de Rio Branco os salões de festas desses grandes clubes, as festas juninas mais populares deixaram poucos registros. Alguns relatos sobre essas festas populares podem ser encontrados, porém, na literatura. O livro **Enredos da memória**,¹⁶ de autoria da professora Florentina Esteves, documenta parte desses festejos marginalizados pela memória jornalística da cidade de Rio Branco.

Nos anos desses bailes uma casa de forró pé de serra chamada Rala Bucho, frequentada há época, talvez pelos idos de 1930, por pessoas do povo, era um dos lugares onde se realizavam esses festejos juninos mais populares. O Rala Bucho tinha uma concorrente, a São José do Cacete, que ficava a poucos metros de distância na mesma rua. O vai e vem entre elas era intenso.

A casa do Rala Bucho era pequena, com assoalho de paxiúba e um salão de danças com não mais que cinco metros. Segundo a professora nesse salão misturavam-se o bafo de cachaça com o de cerveja e para lá as pessoas iam despojadas, trajando bermudas, mas mesmo assim ela anota que os frequentadores da casa tinham boa aparência.

O lugar possuía suas regras frágeis de conduta: mulheres e homens, cada um em seu lado do salão, ficavam sentados ao redor de mesas com confortáveis cadeiras. Essas regras só eram quebradas nas danças, pois os pares entrelaçavam-se horas a fio em um salão com pouca iluminação e música animada. Chamava atenção dos visitantes as bandeirinhas de papel alinhadas no teto, dando um toque caipira na decoração do espaço.

A professora Florentina Esteves lembra como “Dançavam bem, nossos pares. Não nos largavam mais, nem mesmo nos intervalos”.¹⁷ A proximidade das moças com rapazes na dança, o ambiente apertado do salão e a quebra momentânea de costumes morais presentes no Rala Bucho lembram o que Mikhail Bakhtin escreve a respeito do carnaval no renascimento italiano, pois diz que lá esse festejo

¹⁶ ESTEVES, Florentina. **Enredos da memória**. 2 Ed. Rio Branco: Fundação Elias Mansour, 2002. p. 141.

¹⁷ Ibid., p. 142.

era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto.¹⁸

Escrevendo sobre a formação daquilo que chama de sociedade acreana, Leandro Tocantins afirma que no Acre o folclore é de inspiração nordestina, lembrando que os habitantes dessa região não produziram uma cultura popular definida em termos especificamente locais.¹⁹ O que Tocantins não percebe são as nuances das manifestações culturais dessa região, que evidenciam características locais ricas, como é o caso da mistura de um baile junino com uma casinha cujo salão de dança foi erguido com paxiúba, uma árvore da Amazônia. Esses elementos e o ambiente liberal do Rala Bucho, onde as moças podiam dançar sem descanso e coladas aos rapazes, chamaram muito a atenção da professora Florentina Esteves.

Nos anos 60 as festas juninas nos bailes de salões de clubes em Rio Branco se tornaram menos intensas. No olhar do colunista e cantor Licênio Maia, descrito em sua coluna jornalística “De binóculo”, os poucos arraiais da cidade, nesses anos, não tinham graça nenhuma. Segundo escreveu certa vez, os balões de antigamente tinham sumido assim como brincadeiras de “peido de velha”, traques, mijões correndo atrás das moças e outras. As brincadeiras dos arraiais da cidade em 1962, segundo ele, não tinham mais graça.²⁰

AS FESTAS JUNINAS NAS RUAS, PRAÇAS E ESCOLAS (1970 A 1977)

De 1962 em diante as notícias sobre os festejos juninos se tornam escassas nos jornais. Pequenos anúncios de festas convidam as pessoas para arraiais de um ou dois dias apenas, outros registram baixa movimentação em determinadas festas, mas em 1970 algo muda. Rio Branco está cheia de arraiais, é festa junina espalhada por todo canto da cidade. O jornalista cultural Chico Pop em sua coluna “A cidade se diverte” se surpreende com a riqueza dessas festas e suas comidas típicas, paus de sebo, fogos de

¹⁸ BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rebelais. São Paulo: Hucitec/Brasília: Ed. UNB, 2008, p. 8-9.

¹⁹ TOCANTINS, Leandro. **O Estado do Acre**. Rio Branco: Fundação Cultural, 1998. p. 73

²⁰ São João sem graça. **Jornal O Liberal**, Rio Branco, p. 04, 01 de julho de 1962.

artifício e brincadeiras de adivinhações. As gélidas temperaturas causadas pelas friagens de junho não afugentavam as pessoas que procuravam diversão nos arraiais das escolas, comunidades católicas e até da Quarta Companhia de Selva do Exército Brasileiro.²¹

Era uma surpresa para o articulista o aparecimento de tanta festa junina naquele 1970. É possível que essas manifestações tenham mesmo se avolumado, ganhado espaços e atraído públicos mais amplos de diversas esferas da sociedade de Rio Branco.

Tão inesperada foi para os jornais essa quantidade surpreendente de arraiais que até as comunidades do interior do município começaram a ter os seus noticiados, como foi o da cooperativa Nossa Senhora da Conceição presidida então por Abraham Farhat. Filho de comerciantes da cidade de Rio Branco, Abraham levava os interessados gratuitamente para a festa no quilometro oito da recém aberta BR-364 e que tinha como tema o tri-campeonato mundial da seleção brasileira de futebol.²²

A cooperativa organizada por pequenos produtores rurais passou a organizar, ano após ano, um dos arraiais mais movimentados do município. Em 1975, por exemplo, o Abraham ainda levava gratuitamente pessoas para a festa em um ônibus fretado que partia aos fins de tarde da frente da Sorveteria Acreana.²³ Em 1977 a cooperativa organizou seu último grande arraial, mas em apenas dois dias e com uma programação que incluía pau de sebo, apresentações de quadrilhas e brincadeiras diversas.²⁴

Esses arraiais eram obra de muitas mãos, como as da comunidade Santa Inês que em 1973 realizou o seu com ajuda de padres, soldados da Guarda Estadual, políticos e interessados em geral. O diferencial desse foi o concurso para escolha da rainha do arraial, onde as eleitas foram as senhorinhas Claudiza Solange, Maria das Graças Ruella e Maria do Perpetuo Socorro Calixto Marques.²⁵

²¹ Quadra junina. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p. 03, 27 de junho de 1970.

²² Arraial do tri. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p. 02, 24 de junho de 1970, col.

²³ Folclorizando numa boa. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 05, 18 de junho de 1975.

²⁴ Folclorizando. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 07, 14 de junho de 1977.

²⁵ Arraial da Santa Inês. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 05, 05 de junho de 1973.

Um grupo musical era tarimbado nesses arraiais: Os Bárbaros. Em 1974 a banda tocou algumas noites no arraial do Circulo Militar, ligado a Quarta Companhia de Selva, e já iam para o segundo ano do III Baile Uma Noite no Sertão, organizado pelos alunos do Colégio Acreano e em 1975 estavam se apresentando no da Cooperativa Nossa Senhora da Conceição.²⁶

O baile do colégio Acreano despontava então como o maior arraial da cidade, organizado pelos alunos do Grêmio Silvestre Coelho, foi dos primeiros a mostrar publicamente em Rio Branco uma quadrilha nesse tempo de re-leitura das tradições juninas. A quadrilha se apresentou no dia 29 de junho de 1974 com um engraçado casamento da roça e uma animada dança caipira. O casamento tinha texto e roteiro do jornalista acreano Garibaldi Brasil.²⁷ Nesses mesmos dias o arraial do bairro do Quinze foi o outro a contar com uma apresentação de quadrilha junina,²⁸ assim como o da escola particular São José, que teve duas apresentações de quadrilhas sendo uma juvenil e outra infantil.²⁹

Somente em 1976 é que surge nominalmente o primeiro grupo junino organizado da cidade, que se apresentou no arraial da sede social do clube de futebol Rio Branco. Com o nome de Apoquentados do Coronel Ludugero, o grupo fez uma elaborada apresentação de um casamento na roça seguida de uma dança de quadrilha embalada pelo conjunto do maestro Sandoval.³⁰ Vale dizer que as quadrilhas de Rio Branco nesses anos começaram a se apresentar misturando às coreografias alguns elementos cômicos como caretas, saracoteio e casamentos onde os personagens acentuavam o tom de voz, o sotaque “nordestino” e tiques de corpo.

Essas quadrilhas estavam traduzindo em Rio Branco o que começou a se espalhar pelo Brasil a partir de 1950, a dança de quadrilhas feita aos pares vestidos e

²⁶ Festa folclórica no Circulo Militar. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 04, 08 de junho de 1974.

²⁷ Uma noite no sertão. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 04, 20 de junho de 1974; Comportamento Geral. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p. 04, 21 de junho de 1974; Colégio Acreano e a festa no sertão. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 04.

²⁸ Festas folclóricas. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 04, 21 de junho de 1974.

²⁹ Arraial no instituo São José. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p. 04, 29 de junho de 1974.

³⁰ O estrelão no arraial. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 06, 19 de junho de 1976.

agindo como matutos. Luciana Chianca demonstrou que a festa aristocrata das quadrilhas juninas, que chegaram no país no século XIX, estava sendo gradativamente modificada, onde ano após ano o estereótipo do homem interiorano foi inserido nos festejos juninos como o bufão da cidade, o tipo cômico ingênuo e de bom coração.³¹

O texto de Garibaldi Brasil foi pioneiro nessa tradução e essas características cômicas das quadrilhas da cidade se transformariam, a partir dos anos de 1980, no principal elemento cênico dos grupos herdeiros dessas agremiações da década de 1970.

Tamanha movimentação abriu um leque de possibilidades, tanto que grupos especializados em músicas nordestinas foram trazidos para Rio Branco por particulares e pelo estado. Assim, atento ao crescente público interessado em consumir produtos da cultura junina, o proprietário do Cine Acre, o senhor Jimmy Barbosa Levy, trouxe para uma apresentação exclusiva o cantor Pinduca, conhecido como o rei do carimbó e animador de arraiais pelo Brasil afora. Pinduca fez seu show na cidade no dia 23 de junho de 1974.³²

Sob o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura e do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Estado de Educação, o grupo Quinteto Violado chegou a Rio Branco na quinta feira, 02 de junho de 1977. A agenda incluía um encontro com grupos artísticos locais ligados a cultura nordestina para um curso no auditório da Rádio Difusora Acreana.³³

O Quinteto Violado circulou pela cidade com seu show e fazendo visitas como no bairro Estação Experimental, ginásio Álvaro Dantas, na baixada da Sobral, e na Catedral Nossa Senhora de Nazaré, onde apresentaram o musical A Missa do Vaqueiro. Após todas as apresentações o grupo fazia uma pequena discussão com a plateia abordando temas como a fixação do homem no campo, preservação ambiental e a importância da cultura caipira regional para as artes em geral. A Missa do Vaqueiro, sabido por todos, trata-se de uma encenação política, tendo em vista que relembra o

³¹ CHIANCA, Luciana de Oliveira. Chama que não se apaga. In: **Revista História da Biblioteca Nacional**, n. 45, 2009. p. 23.

³² Pinduca ao vivo. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 04, 20 de junho de 1974.

³³ Quinteto violado na capital. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 01, 02 de junho de 1977.

vaqueiro pernambucano Raimundo Jacó, que foi assassinado em 1954 no município de Serrita por conta de conflitos agrários envolvendo grandes proprietários de terra.³⁴

Em 1975, porém, Chico Pop já identificava um contexto que poderia por fim a esses anos de variada e agitada movimentação em Rio Branco. Ele diz que no mês de junho o caipira só quer fazer suas quadrilhas, suas fogueiras, pamonhas e canjicas de milho verde, mas isso quase não é mais permitido porque as proibições vão matando o folclore devido à interdição

em soltar balões para não provocar incêndios; é proibido fazer fogueiras na cidade porque as ruas já começam a serem asfaltadas; é proibido soltar fogos de artifício porque causa barulho e perturba o descanso das pessoas e é proibido festejar muito porque os dias já não são mais santos e feriados³⁵.

A crítica de Chico Pop dirige-se também àqueles que preferem transas sofisticadas como televisão, cinema e bares da última moda. Para Chico Pop essas pessoas poderiam curtir com mais ênfase algumas tradições folclóricas como o salto na fogueira, os apadrinhamentos e as adivinhações, abandonando por alguns momentos as seduções da modernidade.

O que chama atenção nas críticas de Chico Pop era o choque cultural por que passava a cidade de Rio Branco, que a partir dos anos de 1970 via manifestações modernas convivendo com as tradições. A primeira emissora televisiva tinha sido recém-inaugurada, os bares passaram a abrir a noite toda e os costumes caipiras das festas juninas tinham que ser retraduzidas nesse meio.

De qualquer forma, durante dois anos os jornais ficam mudos com relação aos festejos juninos. Nem uma linha sequer entre 1978 e 1979. Nenhuma festa, baile ou folguedos efusivos dos anos anteriores. As festas de certo aconteciam, aqui e ali nos bairros, mas sem merecer um destaque mínimo nos semanários informativos. A falta de notícias das festas juninas nos jornais é um indicativo de que no final dos anos de 1970, essas manifestações entraram em declínio na cidade. O silêncio para com as festas juninas nesses anos é apenas um indicativo daquilo que Chico Pop sinalizava em suas críticas.

³⁴ Quinteto violado/missa do vaqueiro. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 04, 03 de junho de 1977.

³⁵ Folclorizando. Coluna A Cidade se Diverte. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p. 03, 11 de junho de 1975.

AS QUADRILHAS NO CENTRO DOS ARRAIAIS (1980 A 2010)

Em 1980 Chico Pop comemorava a realização do pequeno arraial do Clube Lions de Rio Branco, asseverando: “Festa junina ainda é uma coisa que não conseguiram acabar (graças a Deus!)”.³⁶ Os folguedos e festas juninas parecem ter voltado à cena cultural da cidade com força a partir desse ano, tanto que os jornais passaram a dedicar grandes matérias sobre o assunto. Chico Pop comemorava.

Nesses primeiros anos da década de 80 os jovens de Rio Branco tomaram as ruas com movimentos culturais variados e seria preciso um panorama mais abrangente para captarmos parte desse contexto rico, onde os arraiais seriam parte primordial nesse processo. Grupos teatrais cresciam e se diversificavam como o Sacy, dirigido pela Silene Farias, o De Olho na Coisa, montado por José Marques de Souza, conhecido como Matias, e o Gextu, orientado pela musicista Keilah Diniz.³⁷ Esse panorama foi sendo incrementado com a abertura do bar e restaurante Casarão em 1981, que passou a ser o ponto de encontro dessa vanguarda artístico-cultural que ali se sentiam “enkasa”³⁸.

Os músicos acreanos criaram diversos festivais, sendo o Festival Acreano de Música Popular o mais famoso deles. Nele se apresentaram nomes como Pia Vila, Tião Natureza e do grupo de rock Capú.³⁹ O quadro artístico-cultural desses anos iniciais da década de 80 contou também com uma grande produção cinematográfica. Grupos como o Ecaja, o Estúdio Cinematográfico Amador de Jovens Acreanos, Imagem, Acimut e outros criaram em 1982, por exemplo, a Associação Acreana de Cinema.⁴⁰

Em meio a toda essa movimentação cultural as festas em homenagem a São João ganham outros significados. O mais visível deles é que as quadrilhas juninas se transformam em grupos de jovens organizados, onde seus objetivos principais eram se

³⁶ Folclore. Coluna O Tpqe do Chico Pop. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p 02, 02 de junho de 1980.

³⁷ CALIXTO MARQUES, Maria do Perpétuo Socorro. **A cidade encena a floresta**. Rio Branco: EDUFAC, 2003, p. 41-45.

³⁸ Mais. **Jornal O Rio Branco**, Rio Branco, p. 06, 11 de setembro de 1976.

³⁹ COSTA, Isaac Ronalitti Sarah da. Cenas irmãs: a cena independente, o passado e o intercâmbio entre Acre e Rondonia. In: << http://www.webprofessores.com/novo/artigos/ver_artigo.php?cod_art=229>>. Acessado em 03/08/2010.

⁴⁰ COSTA JUNIOR, Hélio Moreira da. Acre (anos) de cinema: uma história quadro-a-quadro de jovens cineastas acreanos (1972-1982). 2002. 120 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002. p. 23; p. 25 e p. 101.

apresentarem em concursos de arraiais. Um dos polos irradiadores desses grupos quadrilheiros é o bairro Estação Experimental.

Exemplo disso é que brincantes e comunidades de outros bairros vinham à Estação buscar líderes quadrilheiros para fundarem quadrilhas como aconteceu com Raimundo Araújo, chamado para animar jovens do bairro João Eduardo e do Colégio Agrícola. Segundo ele essa “moda pegou”.⁴¹ Essa moda funcionou porque na Estação existiam, por volta de 1987, mais de oito grupos de quadrilhas oriundas das mais diversas origens como da igreja católica, da Fundação do Bem Estar Social, de escolas e da Associação de Moradores.⁴²

Até o arraial da Associação de Moradores da Estação se transformou em um dos maiores de Rio Branco, rivalizando em tamanho com o do Serviço Social do Comércio, o SESC. Em 1986, após algumas edições, a Associação abria o seu no dia 19 de junho com bingos, jogo das canções e outras diversões, tendo como principal atração a apresentação de quadrilhas convidadas e do próprio bairro.⁴³

Nas palavras da quadrilheira Josecilia Piauí o “clima” da Estação é propício devido a rivalidade presente entre os grupos, tanto que os brincantes do bairro impulsionam os festivais da cidade. Diz ainda que há um sentimento comum nos jovens do bairro, pois eles gostam de se vestirem como caipiras. Ela percebe isso toda vez que entra em alguma apresentação, após tomar “uns bons goles pra esquentar” e se transformar em uma perfeita caipira da roça.⁴⁴

Esse pioneirismo, por assim dizer, da Estação fez-se sentir naquele que foi o arraial que ajudou na consolidação de vez das quadrilhas como uma das expressões culturais mais ativas de Rio Branco por mais de vinte anos, o Festival de Quadrilhas do SESC. Aberto pela primeira vez em 1983, o festival do Serviço Social do Comércio contou em sua primeira edição com a participação de oito quadrilhas de bairros como Calafate, Aquiles Peret e Aeroporto Velho.⁴⁵

⁴¹ Festas juninas: tradição que se mantém no Estado. **Jornal A Gazeta**, Rio Branco, p. 12, 18 de junho de 1989.

⁴² Capital mantém a tradição de animadas festas juninas. **Jornal A Gazeta do Acre**, Rio Branco, p. 05, 25 de junho de 1988.

⁴³ Festival de quadrilhas começa no sábado. **Jornal Folha do Acre**, Rio Branco, p. 04, 19 de junho de 1986.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Arraial tem concurso de quadrilhas. **Jornal Gazeta do Acre**, Rio Branco, p. 05, 23 de junho de 1983.

O protagonismo da Estação se traduzia nas vitórias que as quadrilhas do bairro ganhavam, como a Liga Juvenil da Experimental que levou para casa os três primeiros títulos do arraial, desbancando concorrentes do próprio bairro como a Unidos da Experimental.⁴⁶

Além das vitórias, grupos da Estação preparavam os de outros bairros para as competições, como acontecia com o Uniarte em 1990. Composto por mais de quinze jovens o Uniarte era liderado pelo animador Francisco de Assis, conhecido também como Chefe Assis, que tinha por objetivo “desenvolver a cultura popular, do nosso Estado. Para isso estamos convidando toda comunidade para nos prestigiar na Estação realizando a festa conosco”. Assim integrantes de quadrilhas dos bairros Tangará, Bahia e Bela Vista treinavam com o Uniarte procurando refinar suas “expressões caipiras” para o VII Festival de Quadrilhas do SESC⁴⁷.

Na década de 90, as quadrilhas se espalham pela cidade. Jovens de quase toda a cidade montam as suas em seus bairros, nas rodas de amigos ou em festas, hora aparecendo nos festivais do SESC, hora nos campeonatos locais. A vitrine continua sendo ainda o Festival do Serviço Social do Comércio, que em 1996 realiza um dos maiores de sua trajetória. A composição dos grupos que se apresentaram demonstra essa dispersão do movimento quadrilheiro pela cidade:

a) Nome da quadrilha – bairro de origem

- 1 – Tchaca-Tchaca na Mutchaca – Aeroporto Velho;
- 2 – Caipiras da Cidade Grande – Xavier Maia;
- 3 – Flor do Maracujá – Preventório;
- 4 – Fogo no Rabo – Tucumã;
- 5 – Os caipiras do Nova Esperança – Nova Esperança;
- 6 – Unidos da Jacuba – Estação Experimental;
- 7 – JTC na Roça – Conj. Esperança;
- 8 – Os caipiras na Roça – Dom Giocondo;
- 9 – Apoquentados do Tangará – Tangará;
- 10 – Escorrega-lá-vai-um – Calafate;
- 11 – Dançando na Roça – Calafate;

⁴⁶ Liga juvenil da Estação venceu. **Jornal A Gazeta do Acre**, Rio Branco, p. 07, 26 de junho de 1986.

⁴⁷ A dança da Estação. **Jornal A Gazeta**, Rio Branco, p. 12-13, 24 de junho de 1990.

12 – Fogo na Periquita – Conquista.

Em todos os anos anteriores o arraial do SESC foi realizado na avenida Brasil, em frente a sua sede no centro e atrás da Catedral Nossa Senhora de Nazaré, mas nessa edição de 1996 as apresentações aconteceram na recém-inaugurada arena no bairro do Bosque, onde passou a sediar o evento nos anos seguintes. A animação das apresentações ficou por conta dos forrozeiros “Jaime e sua banda”.⁴⁸

No momento em que os grupos de quadrilhas se espalhavam pela cidade ao longo dos anos de 1990, os da Estação entraram em franco declínio como a Unidos e a Liga Juvenil, que encerraram suas atividades. A Unidos da Jacuba foi a última quadrilha do bairro a competir por alguns anos seguidos, mas não conseguiu ganhar nenhum campeonato.

A dispersão das quadrilhas pelos bairros da cidade demonstra duas faces de uma mesma moeda: por um lado o fortalecimento do movimento de quadrilhas e sua consolidação no meio juvenil e por outro uma inconstância de grupos, que aprecem nos tempos de alguns festivais e fecham as portas.

Esse fortalecimento passou por uma forte profissionalização das quadrilhas, que deixaram de ser apenas as atrações lúdicas dos arraiais para se transformarem em grupos organizados com objetivos de ganhar festivais tanto locais quanto nacionais. Essa organização levou as quadrilhas a montarem extensos programas de ensaios durante os meses de março a maio, para apresentações entre junho e julho. No festival do SESC em 2000, as premiações em dinheiro destinadas as quadrilhas campeãs eram fortes argumentos em favor dessa profissionalização.⁴⁹

A inconstância de certas quadrilhas vem justamente da não capacidade de alguns grupos em se manterem em um patamar competitivo, tanto por falta de recursos quanto por brigas internas em decorrência de títulos perdidos. No arraial de 2000 no SESC a composição geral das quadrilhas que se apresentaram era bem diferente do que quatro anos antes: JTC na Roça, Caipiras do Nova Esperança, Apolquentados do Tangará, Unidos do Bagulho, Fogo no Rabo, Maria Fumaça, Pega-Pega na Periquita, CL na Roça, Juventude Jiquitaia, Buscapé, Tchaca-Tchaca na Mutchaca e Fogo na Periquita.

⁴⁸ SESC realiza XII festival de quadrilhas. **Jornal A Gazeta**, Rio Branco, p. 12, 22 de junho de 1996.

⁴⁹ “Quadrilhas” do bom humor no SESC. **Jornal A Gazeta**, Rio Branco, p. 09, 21 de junho de 2000.

Dessa composição seis grupos deixaram de existir, outros seis apareceram no lugar e mais seis permaneceram. Ao longo dos anos 90 é que esse jogo competitivo entre as quadrilhas, que vão se profissionalizando cada vez mais, se acentua, sobretudo após o primeiro Festival de Quadrilhas da Fundação Cultural do Acre em 1991.

Após oito anos de realização do festival do SESC é que o Estado abre o seu festival de quadrilhas, ampliando o calendário dos grupos quadrilheiros que passam a identificar o arraial do Estado como sendo o campeonato estadual de quadrilhas. Nesse ano cerca de doze quadrilhas concorrem ao prêmio principal em dinheiro, que poderá garantir toda uma temporada de apresentações.⁵⁰

O problema do arraial do Estado é que ao longo da sucessão dos diversos governos no poder da máquina pública, deixou de ser realizado por alguns anos. A série mais constante desse evento somente principia em 1999, quando é realizado novamente com o nome de Festival de Cultura Caipira.⁵¹

O arraial do Estado realizado desde então pela Fundação Elias Mansour funcionou nas duas primeiras apresentações no pátio do Clube Juventus, passando nos dois anos seguintes para o estacionamento do Teatro Plácido de Castro, entre 2003 e 2006 foi realizado no centro histórico do Calçadão da Gameleira e desde 2007 no Arena da Floresta.⁵² O Arraial Cultural é fechado todos os anos com apresentações de artistas juninos de renome nacional, promovendo assim o retorno de Pinduca aos palcos do Acre em 2008 e do Quinteto Violado em 2010.⁵³

Nesse período tanto o SESC quanto a Fundação Elias Mansour passaram a realizar seus festivais em parceria com a Liga de Quadrilhas Juninas do Acre, entidade representativa do movimento no âmbito estadual e nacional. Em 2009 a Liga de Quadrilhas Juninas do Acre tinha ao todo dezoito grupos filiados, era membro da Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas, Confebraq, desde 2004 e

⁵⁰ As festas juninas fazem Rio Branco se divertir. **Jornal A Gazeta**, Rio Branco, p. 12, 14 de junho de 1991.

⁵¹ Festival de Cultura Caipira. **Jornal A Gazeta**, Rio Branco, p. 09, 13 de junho de 2000.

⁵² Arraial cultural começa amanhã no estacionamento do Arena da Floresta. **AC 24 Horas**. http://www.ac24horas.com/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1-016:arraialculturalcomeamanhoestacionamentodoarenadafloresta&catid=13:acre&Itemid=112. Acessado em 04/08/2010.

⁵³ 9º Arraial Cultural. **Portal do Governo do Acre**. Disponível em: www.ac.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1839%Itemid=4. Acessado em 04/08/2010.

realizadora, desde 2008, do Circuito de Quadrilhas Juninas de Rio Branco, o terceiro maior torneio junino do Acre e fase eliminatória para apresentação no Arraial Cultural.

Também em 2008 a Liga ganhou sua sede oficial da Fundação Garibaldi Brasil, órgão gestor da cultura no âmbito do município de Rio Branco. Com o nome de Centro de Tradições Populares a sede conta com arena de apresentações, palco e camarins. Segundo Cleyber Roberto os novos grupos de quadrilhas que procuram filiar-se na entidade passam por uma avaliação temporária, pois devem se profissionalizar tendo em vista que poderão um dia levar “o nome do Estado do Acre onde se apresentarem”.⁵⁴

Esse processo de consolidação das quadrilhas no cenário cultural de Rio Branco acentua-se de vez a partir de 2005, quando é realizado o Primeiro Festival Nacional de Quadrilhas Juninas pela Confedbraq em Belo Horizonte. A partir de então as campeãs do Arraial Cultural ganham como título o direito de participar dessa competição, tendo estadias e transportes pago pelo estado.

Na edição de 2010 esse evento aconteceu em Rio Branco e o estado foi representado pelas quadrilhas Pega-Pega, pela quarta vez, e Matutos na Roça, que ganhou o estadual e ficou em quinto lugar, melhor posição de um grupo do Acre na competição nacional até aquela data.⁵⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do século XX e em pleno limiar do XXI, as festas em homenagem a São João passaram por diversas transformações no cenário cultural da cidade de Rio Branco. Dos bailes repletos de garbo e elegância, passando pelos arraiais de rua e chegando às grandes competições quadrilheiras, as festas juninas foram sendo adaptadas e traduzidas aos contextos sociais mais diversos.

Além desse caráter movente, as manifestações juninas são resultado de práticas onde a diversidade é a principal característica desses festejos. Brincadeiras que ficaram

⁵⁴ Começa hoje o festival de arte e cultura em Rio Branco. **Agências Notícias do Acre**. Disponível em: http://www.agencia.ac.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=7512&-Itemid=26. Acessado em 04/08/2010.

⁵⁵ 12º Arraial Cultural termina com festa e aprovação do público. **Agências Notícias do Acre**. Disponível em: http://www.agencia.ac.gov.br/index.php?temid=26&id=13259&option=com_content&-task=view. Acessado em 04/08/2010.

soterradas ao longo do tempo e outras que surgem são apenas um exemplo disso. Evidentemente que há núcleos comuns nos festejos juninos que permaneceram ao longo do tempo, mesmo ganhando significados diferentes em cada época, como é o caso das quadrilhas.

Nesse sentido e com essas características, as festas juninas em Rio Branco questionam a imagem de que uma manifestação cultural tradicional seja estanque, supostamente paralisada em um tempo histórico localizado no passado e que nunca mudam.



www.revistafenix.pro.br

ARTIGO RECEBIDO EM 10 DE ABRIL DE 2010. APROVADO EM 20 DE SETEMBRO DE 2010